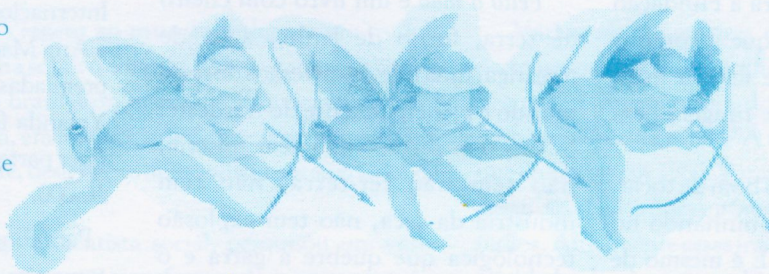




Dušan Kállay no Brasil

A Editora Dimensão está organizando o I Encontro Internacional - "Imprensa e Imagem na Dimensão da Escola", que acontecerá nos dias 9 e 10 de março, no campus da UFMG.

O encontro vai discutir a questão do jornal em sala de aula, e terá a presença da autora francesa Nicole Herr, que estará lançando seus livros *Aprendendo a ler com o jornal* e *100 Fichas práticas para explorar o jornal na sala de aula*, da própria Dimensão. Na questão da imagem, o grande convidado é o artista eslovaco Dušan Kállay, ganhador do Grande Prêmio BIB 83. Kállay ilustrou os livros da coleção de Shakespeare que recebeu o prêmio de melhor tradução da FNLIJ, e vem pela primeira vez ao Brasil. A secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, estará participando do encontro numa mesa redonda com



Vinheta do livro *Sonhos de uma noite de verão*

os artistas Regina Yolanda e Luís Camargo. Além deles também participarão Eva Furnari, Maria Antonieta Cunha, Zivaldo, Mariângela Haddad, Paulo Bernardo Vaz e Angela Leite.

Lino de Albergaria, autor e editor da Dimensão, procurou a Fundação para sugerir que, aproveitando a vinda de Kállay ao Brasil, fosse organizada uma palestra com o artista, o que acontecerá na Casa da Leitura, no Rio de Janeiro, no dia 5 de março às 15 horas. Além da palestra haverá uma

pequena exposição dos livros do artista. No dia 6 a mesa-redonda, com a presença da francesa Nicole Herr, será sobre o papel do jornal na escola, com os coordenadores dos

projetos *Quem Lê Jornal Sabe Mais* e *O Dia na Sala de Aula*. Este intercâmbio mostra a união entre a Dimensão, a FNLIJ e o PROLER.

A Dimensão, além de investir na literatura infantil com livros de qualidade, vem se destacando no mercado com a publicação de trabalhos teóricos que aprofundam a questão da literatura infantil e juvenil e a Educação. A editora também publica, *Presença pedagógica*, uma revista que vem há 3 anos enriquecendo a questão da literatura na escola e com este encontro contribui enormemente para o debate entre artistas e educadores.

ANA MARIA MACHADO E RUTH ROCHA EM PARIS

Ana Maria Machado e Ruth Rocha são as escritoras convidadas pela Biblioteca Nacional para representarem a Literatura Infantil e Juvenil no 18º Salão do Livro de Paris, em que o Brasil é o país convidado. Além delas irão também Zivaldo, pela Melhoramentos, Gerson Conforti, Eliardo e Mary França, Jô de Oliveira, Rui de Oliveira e vários outros escritores e ilustradores.

A FNLIJ lamenta o fato de a literatura infantil ter uma representação tão menor que a literatura para adultos: dentre 35 autores convidados, só Ana e Ruth escrevem para crianças. É claro que as duas representam muito bem a nossa literatura, mas a proporção não corresponde à produção. O mercado editorial infantil e juvenil é muito maior que o de livros para adultos e este fato já seria suficiente para termos uma maior representação.

FNLIJ NA BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

A Fundação estará presente na 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que se realizará de 29 de abril a 10 de maio. A Câmara Brasileira do Livro - CBL ofereceu, gentilmente, um estande de 12 m² para a FNLIJ, que já está se organizando para não perder esta grande festa do livro.

Lygia Bojunga visita a Fundação

Foi com enorme alegria e surpresa que a equipe da FNLIJ recebeu Lygia Bojunga Nunes numa tarde escura de dezembro. Lygia chegou num momento em que os votantes da Fundação estavam se reunindo no mais escuro breu, por ter acabado a luz no prédio. A escritora conversou com toda a equipe e trouxe de presente para a Fundação seu livro *Feito à mão*, que - como o nome diz - é realmente feito à mão, com papel reciclável, de tiragem bem reduzida e esgotada.

Feito à mão é um livro bom de tocar, a mão da gente vai se aninhando no livro e não larga mais. E é mesmo de mão que Lygia fala, da mão que não pára de inventar, não pára de criar. Ela puxa o fio da memória e lembra que desde criança foi artesã, desde pequena descobriu que era das mãos que as coisa saíam: estava sempre brincando com os botões, as linhas, alfinetes e tudo que era coisa de costura da mãe. Depois a arrumação da primeira casa, aos 6 anos, no galinheiro velho, que o pai deu pra ela; mais tarde as mãos rezando no internato em Minas; já adulta comprou uma terra e fez seu sítio, Boa Liga; Em Londres foi a vez de

colocar a mão no estúdio, o "Crow's Nest", onde trabalha. Lygia fala também de suas "mambembadas", quando excursionou pelo Brasil com suas peças: "E, no momento, nada me pareceu tão "feito à mão " quanto mambembar pelo Brasil, levando, de bagagem, menos de 5 metros de crochê."

Feito à mão é um livro com cheiro de terra, forno de lenha, água de moringa, uma ode aos artesãos de todo mundo e principalmente do nordeste: " Não tem sertão, não tem miséria, não tem não ter-terra, não tem indústria da seca, não tem explosão tecnológica que quebre a garra e o talento da mão nordestina, pra arrancar beleza e serventia de um tantinho de coisa (tão tantinho que, às vezes, eu até duvido se artesão de uma outra terra é capaz de fazer igual): uma outra lata velha (e que escultura sai dali!), meio quilo de trapo (e olha só o estandarte!), um bocadinho só de linha (e nossa! que renda). Parece que, quanto mais difícil vai ficando a vida pra eles, mais esse milagre de mão vai se aprimorando. (...)"

O livro está a disposição dos sócios da Fundação para consulta.

ILUSTRADORES NOS CALENDÁRIOS

As editoras Moderna, Melhoramentos e Ática produziram seus calendários de 1998 com um conceito muito especial: artistas brasileiros fazem ilustrações para cada mês do ano. A Melhoramentos homenageou o povo indígena e convidou Ciça Fittipaldi, estudiosa no assunto.

A Editora Moderna preferiu convidar vários ilustradores, como Rubens Vilaça, Leninha Lacerda, Orlando Pedrosa, Giroto e Fernandes e Avelino Guedes, para trabalharem o tema de cada mês.

Na Ática, além do trabalho dos ilustradores, José Paulo Paes fez frases para cada mês. Os artistas convidados também foram de primeiro time: Eva Furnari, Michele Iacocca, Lula, Alcy, Rubens Matuck, Marilda Castanha, Mariana Massarani, Ruy de Oliveira, Lizmedeiros, Marcello Araujo, Ricardo Azevedo, Helena Alexandrino e Eliardo França. No calendário há também uma pequena biografia dos artistas.

PRÊMIO INTERNACIONAL DE LIVROS PARA CRIANÇAS

A Fondation Espace-enfants foi criada em 1986 em Genebra, Suíça, com o intuito de pesquisar a psicologia do desenvolvimento da criança através de livros e filmes a elas destinados. Em 1987 esta fundação criou o Prêmio Internacional do Livro para Crianças e Ana Maria Machado já foi uma das premiadas. Na edição de 1998 Regina Yolanda foi novamente convidada a fazer parte do júri. O prêmio é de FR\$ 10.000.

Para concorrer, os candidatos devem tomar os seguintes procedimentos:

1 - Mandar 4 exemplares do livro, ou de suas provas finais, acompanhados da tradução em francês, até maio, para: Centre Espace-Enfants, Village Suisse du Livre, CH-1956 St-Pierre-de Clages VS.

2 - Justificar a razão da escolha do texto.

3 - Se a obra for selecionada, enviar mais 10 exemplares até 15 de setembro.

4 - Autorizar a Fondation Espace-Enfant a adaptar as obras selecionadas para Kamishibai Espace-Enfant.

5 - Se a obra for premiada, mencionar o prêmio em todas as futuras edições.

Os critérios adotados pela Fondation para selecionar os textos são: respeitar a visão do mundo da criança de 4 a 10 anos; estimular uma visão crítica diante do mundo; criar um texto em que haja interação entre o adulto que lerá o texto para uma criança. O júri dará preferência a obras ainda não premiadas.

O resultado das obras laureadas é premiadas será dia 8 de dezembro de 1998, no Centre Espace-Enfant du Village Suisse du Livre.

Ana Maria e Lobato

Ana Maria Machado lançou, no ano passado, *Amigos secretos*, pela Editora Ática. O livro é uma homenagem a vários escritores, em especial a Monteiro Lobato. A autora “chama” a boneca Emília para participar de uma aventura, exatamente como Lobato fazia com personagens de outros autores como Peter Pan e o Gato Félix, ou Tom Mix e Shirley Temple. Desde 1920 o criador do Sítio já trabalhava com a intertextualidade, já sabia que em literatura, e na arte em geral, um texto, um personagem, podem influenciar tanto outros artistas que certamente estarão citados em futuros trabalhos de novas gerações. A família de Lobato não entendeu a homenagem e a obra será retirada do mercado quando a primeira edição se esgotar. A Fundação do Livro Infantil e Juvenil lamenta profundamente o fato, pois o livro só iria divulgar mais a obra de genial escritor.

Aproveitamos a oportunidade e publicamos trechos da entrevista de Ana Maria Machado ao jornal *Lector* Nº 27, onde ela fala sobre o assunto: “Escrevi esse livro a partir da minha paixão de ler. Quando criança, tinha vontade de ir aos lugares habitados por personagens e viver os momentos descritos nos livros. Dom Quixote lia tanto que passou a viver, na sua própria vida, situações tiradas das leituras. Madame Bovary, de Flaubert, também viveu algo parecido. Ela leu tanto que acreditou que a vida era toda romântica. A mistura de todos os livros de hoje é aceita e assimilada na literatura contemporânea. Em *O Xangô de Baker Street*, de João Soares, por exemplo, Sherlock Holmes é um personagem que está aqui. Todo o tempo você está trazendo autores e personagens para dentro da literatura. Então, fui a uma escola fazer uma palestra. Mais uma vez, elogiei a obra de Monteiro Lobato. Uma professora se levantou e disse que não podia mandar as crianças lerem Lobato, por dois motivos. Segundo ela, as crianças não entendem a linguagem dele, e ‘todos os personagens do Sítio viajam no Pó de Pirlimpimpim, que se cheira para entrar numa viagem fantástica’. Também de acordo com a professora, isso é uma apologia as drogas. (...) Se a criança tem dificuldade de entender Lobato,



precisamos fazer com ela o que Dona Benta fazia com os outros: ler em voz alta e seduzir a criança, (fazê-la) gostar da história, explicando um pouco o que o autor está realmente dizendo.”

Mais adiante Ana fala sobre o processo - sem ainda saber da determinação judicial de retirada da obra do mercado quando a primeira edição se acabar - que a família de Monteiro Lobato moveu contra ela pelo uso indevido dos personagens do autor: “Quando recebi uma notificação dos herdeiros de Lobato e que eles consideravam que eu tinha causado danos morais e patrimoniais à figura de tão insigne criador, não acreditei. Em nenhum momento eu quis roubar dinheiro deles e lucrar às custas da criação dos outros. Afinal, tenho toda uma obra. Tenho minha vida. Não denegri o nome e a memória dele. Simplesmente aproximei as crianças da sua obra. Neste momento a situação ainda não está resolvida. Existe uma ameaça de que o processo passe da área cível para a criminal. Nesse caso, eu estaria sujeita a pena que vai de um a três anos de prisão, por ter amado Lobato e falado dele para as crianças. Não sei exatamente como isso vai acabar, mas tenho certeza de que sou inocente. Se existir justiça no Brasil, não vou presa por causa disso. Na verdade não fiz nada do que Lobato também já não houvesse feito. Ele traduziu e adaptou *Peter Pan*. Os personagens de *Peter Pan* vivem no Sítio, junto com os próprios personagens de Lobato e vários personagens de outros autores. Na época *Peter Pan* não estava em domínio público. Lobato nunca pagou um tostão de direito autoral ao James Barrie, autor do *Peter Pan*, nem aos herdeiros. Aliás, dentre os herdeiros estava um hospital para crianças carentes, em Londres. Se eu lesei o Lobato, ele também lesou as crianças desse hospital. Mas eu nunca pensei que estivesse lesando Lobato, nem acho que ele estivesse lesando ninguém. Espero que toda essa insanidade acabe de uma vez e que o bom senso prevaleça. Tenho a impressão que eles nem leram meu livro, *Amigos secretos*. Não sabem nem do que se trata. Não consigo imaginar o que se passa na cabeça de pessoas que transformam uma homenagem numa ofensa.”

BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS:

INDICAÇÃO BRASILEIRA PARA O PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN - CATEGORIA TEXTO

Bartolomeu Campos Queirós é indicado pela FNLIJ para o Prêmio Hans Christian Andersen. A Fundação enviou um o dossiê apresentado ao júri do IBBY, além de todos os seu livros. Neste número publicamos o resumo do dossiê e ficamos torcendo por ele.

Bartolomeu Campos Queirós
Maria Eugênia Dias de Oliveira
Professora de Filosofia

Bartolomeu Campos Queirós é um artista e escritor no sentido mais pleno destas palavras. No campo da arte educação ensina crianças a ler, construindo a realidade poética e experimentando modos diferenciados para despertar a percepção comunicativa em crianças e adultos. Tem participado de diferentes projetos vinculados à preservação da herança cultural brasileira e, ainda há pouco, trabalhou junto aos prisioneiros de uma penitenciária de alto risco desenvolvendo a sua sensibilidade e expressão através de exercícios imaginativos e da escrita. Além dessas atividades e mais importante do que todas elas: Bartolomeu já escreveu cerca de trinta livros até o momento.

Seus livros são todos eles formas diferenciadas de poesia.

Iniciou a sua produção literária com *O peixe e o pássaro* em 1971. Em 1972, escreveu *Arte na Educação*. A seguir, *Pedro: o menino que tinha o coração cheio de domingo* em 1973. *Raul-Luar* foi publicado em 1978. *Onde tem bruxa tem fada e Era uma vez...* em 1979. *Ciganos* em 1982. *Mário ou de pedras, conchas e sementes e... das saudades que eu não tenho* em 1983. *Ah! Mar e As patas da vaca* em 1985. *Cavaleiros das sete luas e Educação Artística* em 1986. Três livros foram publicados no decorrer de 1986: *Coração não toma sol*, *Estória em três atos e Pintinhos e pintinhas*. *Correspondência* surgiu em 1988. Em 1989, três outros livros: *Apontamentos, Papo de pato e Index*. *Escritura* foi publicado em 1990. *Mineirações* e uma cartilha para crianças - *Ora bolas. Para aprender a ler* - acompanhada de um livro-texto - *Dois em um* - que incluía três histórias para a primeira leitura. *Faca afiada* apareceu em 1992 assim como *Diário de classe*. Por parte de pai foi publicado em 1995. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* em 1996. *Meu professor inesquecível... eles foram tantos e Viva o povo brasileiro* foram publicados em 1997.

O autor aproxima o processo educacional e a percepção artística. A educação não consiste, no seu modo de entender, em simplesmente treinar pessoas para que desempenhem tarefas de modo adequado. A educação compreende um longo processo de aperfeiçoamento da personalidade, é o modo pelo qual cada um define-se no mundo assumindo-o como lugar de sua vida e espaço de sua sensibilidade. Para alcançar esse objetivo, é preciso sentir com os outros, apropriar-se de sua criação, trocar experiências e partilhar a sua vida.

Do mesmo modo, a literatura tem significado para Bartolomeu Campos Queirós mais do que a prática de uma aptidão; ela tem sido a razão mais profunda de sua existência. Em uma palavra, tem sido o instrumento que torna possível compartilhar os seus sentimentos e ensinar às pessoas que exprimir-se é um modo de descobrir o sentido da vida.

A arte é uma espécie de linguagem, é a manipulação de um meio artístico. A arte expressa, fixa e torna reconhecível o que antes parecia vago, fugidio ao nível do sentimento. Os pensamentos são expressos pelas palavras e é preciso encontrar as palavras que exprimam os pensamentos. Quando o artista cria, parte geralmente de um sentimento a ser expresso e busca uma forma para a sua expressão. A criação artística é um processo tão dinâmico quanto as transformações da natureza.

Bartolomeu diz que a palavra é dom que testemunha a presença da sensibilidade humana no mundo. Quando criança, seu avô ensinou-lhe que poderia sempre haver diferentes maneiras de ver a realidade. Deve-se sempre olhar o mundo com curiosidade como se fosse pela primeira vez para melhor compreender as diferentes formas de vida e expressão. A expressão é a presença humana no mundo, é o mundo na medida em que pode ser captado através da sensibilidade e das palavras.

Bartolomeu usa a linguagem desvelando nela as sonoridades e sentidos ocultos, explora a sua

musicalidade acrescentando à sua capacidade de expressão. Sua literatura descreve o próprio processo criativo. O leitor acompanha os sentimentos do poeta e defronta-se com suas primeiras impressões: a família, os amigos, as diferentes experiências do amor, a alegria e o sofrimento são recuperados pelas palavras dentro de moldes coerentes apenas implícitos no início da narrativa.

"Escrever é lembrar". Quando lemos algo que nos interessa e nos tornamos capazes de sentir o que o autor sentiu, não mais o esquecemos. Tudo é possível no mundo imaginário da fantasia. Não é preciso distinguir o verdadeiro do falso. Pode-se imaginar a vida e a morte, o amor e o ódio, criar mundos possíveis. E cada nova descrição fará o papel do índice: tornar-se-á fonte de outros contos. A capacidade de narrar histórias é um dos mais poderosos dos instrumentos do homem. Torna possível que seja mais do que é, cresce imaginariamente na medida em que é capaz de descrever o mais admirável dos acontecimentos ou o mais ínfimo dos sentimentos íntimos. Contar histórias é recuperar ações passadas e imaginar ações futuras. É a capacidade de lidar com o tempo e tecer a causalidade dos acontecimentos internos e externos na trama do texto. O que foi vida no passado existe agora como a capacidade de rememoração e reconstrução humana.

O autor espera um leitor para o seu trabalho. E aqui um texto referencial diferencia-se de um texto poético. O texto referencial pode ser julgado verdadeiro ou falso, suas regras são determinadas a partir do emprego correto do vocabulário e da gramática. O texto poético exerce continuamente a descoberta de meios expressivos, explora a potencialidade da linguagem, cria novos contextos geradores de novos significados. A verdade ou falsidade deste tipo de texto define-se como a sua capacidade de tocar a individualidade do leitor.

A literatura de Bartolomeu Queirós é poética, metafórica, imaginativa. O autor deseja que seu leitor solte a imaginação. Acredita que seu texto comporta

diferentes níveis de interpretação e que é exatamente esta ductibilidade para a diferença o que constitui a essência de sua expressão. Talvez porque o autor tenha sempre trabalhado na área de educação, sua literatura tem frequentemente sido identificada como literatura infanto-juvenil. Muitos de seus livros são usados no ensino de primeiro grau. Mas quando lhe perguntamos se escreve tendo como objetivo crianças e jovens responde sempre que o seu leitor pode ser infantil ou adulto; o objeto de sua escrita é o mundo da infância e isto não define o seu público. Todos nós já fomos crianças, todos nós podemos criar novos significados e emprestar as nossas mentes para a construção de realidades fantásticas tal como as crianças costumam fazer.

Como Bartolomeu Queirós não deseja que o seu trabalho seja explorado publicitariamente, evita o uso de recursos para facilitar o seu entendimento ou a vulgarização da linguagem. Ele quer construir um texto com significado próprio mas capaz de acolher a contribuição semântica de seus intérpretes. E, de acordo com o autor, é exatamente este espaço vazio, o espaço entre o texto escrito e o texto lido, que pode ser designado como espaço literário. É como se, no ato de ler e entender um texto, pudéssemos identificar o encontro entre duas pessoas trazendo cada uma delas o seu horizonte próprio de experiência e de vida. É exatamente o que Bartolomeu deseja de seus leitores: partilhar as mesmas experiências, cada um de nós avançando até onde for capaz.

A educação e a literatura são partes de um mesmo processo na obra de Bartolomeu Campos Queirós. Educar, ensinar, é guiar sem dirigir, é permitir sem impor ao aluno o encontro com a cultura humana na medida de sua possibilidade. Escrever literatura é uma espécie de convite ao leitor para que siga o escritor, para que sinta e crie com ele um mundo que não se situa nos estreitos limites da realidade objetiva. Tanto a educação quanto a literatura fundam-se na liberdade humana, premissa original do ser humano.

COLÔMBIA

As revistas *Hojas de lectura*, *Revista latinoamericana de literatura infantil y juvenil* e *Cincuenta libros cincuenta* são publicações que abordam o tema da leitura e da literatura infantil e juvenil, publicadas pela Fundalectura - Fundación para el fomento de la lectura, instituição que promove o livro infantil na Colômbia. Quem se interessar em assiná-las basta escrever para Calle 40 N° 16-46 Apartado 048902 -Bogotá - Colombia. As revistas são indicadas para bibliotecários, professores, especialistas, pais, escritores e interessados em geral.

Lembramos que a FNLIJ já traduziu o N° 1 da *Revista latino americana de literatura infantil y juvenil* estará lançando mais três números com o apoio da Editora Dimensão. A FNLIJ tem alguns n°s em espanhol à venda.

LÚCIA JUREMA NA RECORD

Depois de 10 anos dedicados à Editora Nova Fronteira na área de literatura infantil e juvenil, Lúcia Jurema parte para uma nova empreitada trabalhando como gerente de divulgação na Editora Record. Lúcia diz que a Record, que trabalhava basicamente com livros para adultos, vem, desde a entrada de Helena Rodarte na editora, percebendo a necessidade de um trabalho de qualidade voltado para crianças e jovens.

Lúcia, que já trabalhou em várias editoras, como a Ática e a Lê, vai desenvolver um trabalho direto com as escolas e as universidades, além de estar ligada às ações das políticas de leitura dos governos. Ela acredita que a Record vai investir na literatura infantil e juvenil com a mesma intensidade que investe na literatura adulta. A FNLIJ fica torcendo para que isso aconteça e parabeniza a Record pela equipe que está montando.

ALITERATURA INFANTIL BRASILEIRA VAI INVADIR A ITÁLIA

O Brasil vai invadir a Itália em abril. Além de estar presente na Feira de Bolonha, a FNLIJ, em conjunto com a embaixada brasileira em Roma, estará levando a exposição "Brasil! Uma brilhante mistura de cores". Em 1996, quando a Fundação esteve em Bolonha, teve contato com Susan Kleebank, do setor de divulgação da embaixada, que demonstrou muito interesse em montar a exposição. Haverá também uma mesa-redonda com os ilustradores presentes.

"Cinco ilustradores brasileiros" será outra exposição dos ilustradores Eliardo França, Jô de Oliveira, Rui de Oliveira, Angela Lago e Gerson Conforti, que antes de ir à Roma estará no Salão do Livro de Paris. São 15 molduras para cada um dos artistas, que também irão expor trabalhos em outras áreas. Eliardo irá levar suas pinturas e Jô de Oliveira seu trabalho com selos. Essa exposição também será realizada em vários estados do Brasil.

A FNLIJ vai participar da 35ª Feira de Bolonha, e desta vez mais motivada do que nunca, pois iniciará as

comemorações dos seus 30 anos de existência com a publicação do catálogo. Como já noticiamos, ele contou com o apoio da Biblioteca Nacional, e trará resenhas dos livros produzidos em 97, os dossiês de Bartolomeu Campos Queirós e Helena Alexandrino, uma homenagem a Sylvia Orthof e uma relação de todos os indicados para o Prêmio Hans Christian Andersen pela FNLIJ.

A Feira de Bolonha de 1998, que se realizará entre os dias 02 e 05 de abril, é o maior evento internacional do livro infantil. Livros do mundo inteiro estarão expostos, escritores, ilustradores, tradutores e editores de vários países ali se encontram.

A Biblioteca Nacional, além de entregar o Prêmio Monteiro Lobato 97 à editora suíça Verlag Nagel & Kimche, que publicou o livro *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, com ilustrações de Roger Mello, promoverá uma homenagem ao autor que dá nome ao prêmio, convidando escritores e especialistas para uma mesa-redonda.

BRASÍLIA TEM "MALA DE LIVROS"

O projeto Mala de Livros, baseado na experiência da bibliotecária Neusa Dourado Freire, patrocinado pela Secretaria de Cultura e Esporte do Distrito Federal, já vem acontecendo desde de 1991. Consiste em levar livros às comunidades de 16 cidades do DF de uma maneira bem peculiar: minibibliotecas são instaladas nas casas de pessoas da própria comunidade, que participam cedendo um pequeno espaço físico e algum tempo livre para levar os livros à vizinhança.

Inspirada no trabalho de Geneviève

Patte, que levava livros aos subúrbios de Paris em cestas de palha, o projeto Mala de Livros já tem 508 bibliotecas domiciliares, atendendo 101.600 leitores do Distrito Federal.

As minibibliotecas são caixas-estantes, fabricadas pelos internos do Presídio da Papuda e pelos servidores da marcenaria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Cada uma tem um acervo de 140 a 180 livros, com obras que vão desde dicionários, gramáticas e livros didáticos a literatura brasileira, estrangeira e gibis.

Antecipando o mês de abril, em que se comemora, no dia 19 de abril, o Dia do Índio, publicamos duas resenhas de livros que tratam da cultura indígena. *Ticuna - O livro das árvores* foi preparado com textos e ilustrações dos próprios indígenas, e a *Coleção Pawana* foi escrita por um antropólogo, com ilustrações colhidas de vários tribos de índios. Vale a pena conferir!

Coleção Pawana

(Juntos na aldeia e Viagem ai mundo indígena)

Luís Donisete Benzi Grupioni. Vários ilustradores. São Paulo: Berlandis & Vertecchia, 1997. 48p.

Juntos na aldeia e Viagem ao mundo indígena são os dois títulos da Coleção Pawana sobre o cotidiano, os costumes, os rituais e a sabedoria dos índios brasileiros, mais especificamente, de nove povos indígenas. Pawana, em língua Caribe, quer dizer aquele que é parceiro de troca, visitante, designação muito adequada ao criador da coleção.

O autor, antropólogo e cientista social, pesquisou um vasto material sobre as nações indígenas, transformando-o em contos. Ao final de cada história, há um mapa do Brasil com a localização do povo indígena e informações sobre o mesmo como a população estimada, a língua, os costumes. Kamayurá, Zoé, Tiriyo, Waiápi, Bororo, Xikrin, Xavante, Nambiquara e Kadiwéu são as sociedades contempladas nas histórias, informações, desenhos e fotografias.

A leitura dos dois volumes nos revela curiosidades e diferenças que caracterizam os povos indígenas: alguns mais adeptos à arte de pintar o corpo, outros mais habilidosos na feitura de peças de cerâmica e outros dedicados aos rituais de iniciação dos jovens. Percebemos a importância do cultivo da terra, da separação das tarefas e da divisão dos grupos de meninos e meninas, na ocasião dos ritos de passagem, com os momentos de reclusão e festa. E como as raízes de culturas disseminadas pelo país permanecem vivas! Parecem com a própria **mandioca** - raiz utilizada na alimentação - que é o alimento básico desses povos. Aquilo que está representado em uma raiz vai se transformando, mas parece não se extinguir, embora esteja ameaçado pelo desenvolvimento desenfreado do país.

Os livros são belíssimos, impressos com capa dura, com um projeto gráfico bem acabado, concebido para valorizar o texto e as imagens. Os desenhos são provenientes dos povos apresentados, pertencentes a colecionadores ou a instituições. As fotografias, impressas em cores sobre papel vegetal, têm o crédito de seus fotógrafos ao final dos dois volumes. Mostram pessoas pintadas ou vestidas para cerimônias. Essa reunião de diferentes linguagens - textos, fotografias e ilustrações - valorizou a cultura indígena, principalmente porque foram reproduzidos desenhos feitos pelos próprios indígenas e recontadas histórias provenientes de sua tradição.

As soluções e respostas da cultura indígena para as questões que rondam o ser humano estão preservadas nos mitos que explicam a origem das coisas e dos fenômenos e nos ritos que marcam a iniciação das crianças, jovens e adultos. Localizamos as fontes de nossa tradição cultural nos hábitos e costumes apresentados nas histórias.

O livro das árvores - Ticuna

Jussara Gomes Gruber (org.) Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997. 96p.

Vários são os autores e os desenhistas deste livro, pertencentes ao povo indígena Ticuna do Amazonas. Segundo a organizadora do trabalho, Jussara Gomes, o livro faz parte do projeto "A natureza segundo os Ticuna", que começou em 1987. Foram levantados dados e criados desenhos sobre a flora e a fauna da região habitada por esses índios. Atualmente essas informações colhidas alimentam atividades de educação ambiental e um projeto de educação escolar.

Aqui a memória viva dos Ticunas está plantada nas histórias e desenhos sobre as árvores. O universo mítico dos índios é apresentado ao leitor que aprende muito com os registros. Temos fragmentos de mitos, ritos, lendas e a gênese de dezenas de árvores.

A linguagem, rica em palavras traduzidas para o português, com informações sobre a vida prática, a origem das plantas e fenômenos naturais, transita no universo imaginário. Mostra a árvore fazendo parte da vida dos Ticunas, como planta e criatura que é. A árvore dá origem aos rios e aos elementos da fantasia no texto e nas ilustrações.

Os desenhos, com exceção de dois, são produções individuais, diferentemente dos textos que são fruto de uma criação coletiva. A forma das árvores é explorada nos traços que se detém na copa - simbolizando aqui o inconsciente. Os desenhos chapados transportam para o papel todo o caudal mágico da cultura Ticuna. Exploram matizes de cores fortes nas folhas, troncos e raízes das árvores.

Há uma enorme quantidade de informações técnicas sobre as árvores, que não se perdem na leitura. O livro é fruto de um trabalho coletivo da comunidade indígena, simbolizando a produção de uma árvore, que vai se enraizando pela terra e crescendo. Está publicado com papel e projeto gráfico de qualidade. Os créditos dos colaboradores e autores dos desenhos estão impressos, bem como uma introdução explicativa do projeto que desencadeou a feitura do livro.

Este é um livro para ser lido, consultado, indiferente da idade do leitor. É motivo de orgulho para os brasileiros, por registrar em texto e imagem a cultura Ticuna.

PRÊMIO ASAHI

A edição de outono/98 do IBBY traz o vencedor do Prêmio IBBY-Asahi de Promoção da Leitura: a Coleção Fureal Bunko de Livros para Crianças em Braille, um serviço voluntário que produz livros para crianças em Braille e empresta-os para leitores em todo o Japão. Mitsuko Iwata, a fundadora desse projeto, é cega de nascença, e afirma que iniciou o Fureal Bunko para dividir o prazer dos livros de figuras com outras crianças, inclusive aquelas que têm deficiências visuais. A produção envolve a impressão de cartões plásticos com o texto em Braille com o contorno das ilustrações recortado. As lâminas são então reunidas em livros. Muitos voluntários auxiliam a Sra. Iwata. Até hoje, 40 mil livros já foram "traduzidos" e aproveitados por muitas crianças. Além disso, uma editora japonesa inspirou-se no trabalho e na determinação da Fureal Bunko e

imprimiu um livro de figuras em Braille, para atender a todos os leitores. Esse livro teve muito sucesso.

Na escolha do vencedor, o júri reconheceu a novidade e originalidade desse projeto, assim como seu objetivo de buscar alcançar aquelas pessoas que têm deficiência visual. O IBBY deseja que este seja o início de uma nova era em que novos livros de figuras sejam produzidos em todo o mundo para crianças com deficiências visuais.

O júri do Prêmio IBBY-Asahi de Promoção da Leitura reuniu-se na Finlândia em setembro de 1997 e foi formado por Tom Eckerman (Finlândia), Marfa Jesus Gil (Espanha), Tayo Shima (Japão) e Julinda Abu Nasr (Líbano) Na ocasião o júri fez questão de registrar a alta qualidade dos trabalhos indicados e pedir o apoio internacional para todos eles.

8 de março: Dia Internacional da Mulher

No dia internacional da mulher, a FNLIJ faz uma homenagem à mulher, através da artista do livro infantil - escritoras e ilustradoras - que vêm mostrando toda a garra e alegria no trabalho e na construção de uma nova imagem da mulher nos livros para crianças e jovens.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Círculo do Livro, Cejup, Clínica Ênio Serra, Compor, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, Price Waterhouse, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: Price Waterhouse • **Responsável:** Elizabeth D'Angelo Serra • **Redação:** Luciana Sandroni • **Revisão:** Laura Sandroni • **Diagramação:** Christiane Mello

Conselho Curador: Alfredo Weiszflog, Gisela Bluhm, Ferdinando Bastos de Souza, José Bantim, M^a Antonieta Antunes Cunha, Sérgio Abreu da C. Machado **Conselho Diretor:** Propício Machado Alves (Presidente), Laura Sandroni, Ricardo Augusto Pamplona Vaz **Conselho Fiscal:** Paulo Adolfo Aizen, Henrique Luz, Terezinha Saraiva, Márcio Tavares do Amaral, Maria do Carmo Marques Pinheiro. **Conselho Consultivo:** Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murinho. **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente
Notícias.

Tel.: (021) 262-9130

Apoio:

Price Waterhouse



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar Cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil telefone (021) 262 9130 fax (021) 240 6649